

A fortificação de Alcácer Ceguer

Alcácer Ceguer constitue un des points de plus grande importance symbolique et stratégique de l'Expansion portugaise au Maroc. Avec une approche spécifique, donnée par les méthodes et les techniques de conservation, Sousa Lobo fait une analyse qui articule la perspective historique avec une description minutieuse de la structure architecturale en cause.

Permanecem na praia as ruínas de Alcácer Ceguer, um dos mais emblemáticos castelos luso-marroquinos. A estrutura fortificada inicial de origem islâmica foi profundamente transformada pelos cristãos porque tendo-se mantido o sítio não se manteve a situação militar.

A partir da sua conquista, em 1458, este recinto fortificado passou a estar em território adverso e a ser reabastecido por mar. Esta mudança de poder levou à construção de uma das mais interessantes obras de adaptação de uma fortificação costeira, que conhecemos.

O primitivo castelo estava voltado a noroeste olhando a foz do rio e tinha uma pequena couraça. Foi construída uma nova e mais extensa, para tentar garantir o reabastecimento por mar. Quando os navios portugueses chegavam, os arcabuzeiros dispunham-se ao longo dos dois muros que formavam aquela estrutura telescópica, para defender o desembarque de pessoas e bens de qualquer ataque adverso, que fosse feito pela praia. Ainda hoje prevalecem os troços inicial e final, dessa longa muralha que termina na porta do mar. Aqui existia, provavelmente, um pequeno cais.

A Porta do Mar era sobrepujada por uma torre de vigilância e controle.

Esta estrutura continua a ser erodida, nas marés vivas, por acção do mar e a única forma de a salvar consiste numa acção de consolidação deste troço, que simboliza o regresso dos portugueses, que saíram para pôr temo à aventura de tentar controlar aquele local estratégico que servia de base de apoio à armada do estreito que controlava a entrada do Mediterrâneo.

A vila teve de ser abandonada volvidos pouco mais de cem anos porque era um alvo fácil para a artilharia moura postada no morro do Seinal. Em 1549, engenheiros militares franceses, italianos e espanhóis, sob a direcção de Miguel de Arruda, ainda tentaram fortificar o morro para defender a fortaleza.

O castelo que prevalece é uma combinação duma estrutura islâmica com uma estrutura portuguesa. A remodelação do recinto inicial foi profunda porque houve necessidade de aumentar em muito a capacidade de tiro da artilharia da defesa. Nessa fase inicial da ocupação o sistema defensivo foi adaptado para se poder defender o recinto de um ataque directo, ou à viva força, ou por cerco feito no recinto da praia. Esse castelo tinha duas portas que chegaram aos nossos dias. A Porta da Terra dava para o interior da vila fortificada que era um recinto circular com cerca de quinhentos metros de perímetro.

A vila era formada por um apertado aglomerado de casas em que sobressaía a Rua Direita, onde se situava a Igreja da Misericórdia e a Casa da Câmara, na retaguarda desta e também nas proximidades do castelo ficava a igreja matriz. As duas ruas principais desembocavam nas por-



Fig. 1 - Porta do Mar - no extremo norte da couraça, destacada cerca de 80 metros do corpo do castelo, permitia o acesso dos escaleres e a descarga dos navios em condições de alguma segurança. Esta era chave de todo o sistema defensivo porque o socorro à fortaleza dependia desta Porta

tas da cerca da vila. A Rua Direita ligava a zona do castelo com a Porta de Ceuta. A rua da matriz ligaria com a Porta de Fez. Este recinto foi escavado, nos anos setenta, por arqueólogos americanos que deram prevalência islâmica às estruturas. As mais importantes construções no interior da vila eram portuguesas, mesmo que isso tenha correspondido à adaptação de estruturas anteriores. A manutenção e conservação deste património comum, partilhado por Marrocos e Portugal, passa por medidas de dois tipos, arqueológico e de conservação e restauro.

Na zona da vila as escavações arqueológicas obrigam a um esforço permanente de monitorização e conservação. Esta solução é onerosa porque a deposição da areia da praia arrastada pelo vento é constante. Na zona do castelo e na sua couraça, únicas estruturas que se elevam claramente acima do solo, há que fazer uma intervenção de conservação da ruína se se pretender preservar aquela memória que liga os dois "Algarves", de aquém e de além. No momento alto da cooperação cultural entre Portugal e Marrocos poderá ser oportuno olhar para este recinto fortificado como um património com interesse comum.

O castelo é um excelente exemplo de adaptação duma estrutura medieval à artilharia. Construído em pedra calcária, engloba a residência do governador que tem componentes em tijolo burro. Não temos conhecimento de um estudo detalhado do sistema estrutural deste castelo em que tenha sido feita uma reconstituição integral do seu traçado e da sua volumetria. Pelos vestígios que chegaram aos nossos dias esse exercício parece poder ser feito com bastante aproximação. Mais difícil seria a reconstituição da vila arrasada depois da retirada dos portugueses.

O regimento ou caderno de encargos de Alcácer Ceguer chegou até nós em cópia anónima e sem data. Ele estipula a construção de uma barreira circular, baluartes e cubelos no



Fig. 2 - Porta da Terra - na prática era a Porta da Vila. Sendo também um ponto crítico da defesa era protegida por canhoneiras na base das muralhas que faziam tiro rasante ao terreno. Em arco pleno, o vão era ressaltado por um bem ordenado paramento de silhares de pedra



Fig. 3 - Estrutura das paredes - é visível o enchimento interior dos muros da couraça com pedra aglutinada com boa argamassa de areia e cal. No topo da imagem podem-se observar os silhares da primeira fiada que encamisavam a parede

muro da vila: "os quaes cubellos seram dabobada e teram bombardeiras baixas q tirem ao llongo da cava q se ade fazer, e asy do pe do muro da parte da villa como cõtra o mar, e terem outras alltas para podere atirar ao llonge". Para iniciar estas obras foi enviado em 1509 o mestre do convento de S. Francisco de Évora, Martim Lourenço, que terá demorado pouco tempo, porque em 1512 se encontrava de novo em Évora. O principal obreiro terá sido Francisco de Danzilho a quem Bernardo Rodrigues, cronista, dedica duas páginas. Este arquitecto tinha andado a renovar o castelo de



Fig. 4 - Interior do castelo com canhoneiras dispostas em duas fiadas fazendo tiro frontal para norte e nascente. É visível o caminho de ronda, com as ameias rasgadas por seteiras e ainda, a sombra projectada pela torre de vigiância situada no coração da fortificação

Almeida e dirigiu, além da empreitada de Alcácer, também as obras de Arzila e Tânger. Era o "mestre das obras dos Lugares d'Além", tendo embarcado na Páscoa de 1511, com trezentos pedreiros, numa altura em que em Alcácer trabalhava já uma numerosa equipa.

A fiscalização da empreitada foi feita pelo mestre Boytac. Partiu de Lisboa, em Maio de 1514, acompanhado de um escrivão para inspecionar as obras de Alcácer e de Ceuta em primeiro lugar e depois Tânger e por fim Arzila para regressar a Portugal em Agosto. Nessa inspec-



Fig. 5 - Porta das surtidas - voltada à praia, discretamente localizada num ângulo da muralha do castelo, permitia efectuar uma defesa activa com a saída da guarnição a contra atacar de surpresa os sitiantes

ção foi acompanhado por Francisco Danzilho que era o responsável directo da execução da obra.

A conservação da ruína exige uma intervenção a vários níveis: nas paredes terá que se proceder ao refecimento das juntas ao longo das superfícies dos paramentos depois da análise dos ligantes para fazer uma caracterização da sua composição. É necessário usar argamassa de cal e areia compatíveis. Os procedimentos não são uniformes dependendo do tipo de juntas que se apresentam caso a caso. A estrutura da parede do castelo é diferente da estrutura das paredes da couraça. Esta está parcialmente enterrada na areia e tem parte da estrutura superior das duas muralhas que a formam, destruída. Este assoreamento protege as fundações embora impeça a leitura global da couraça. A zona mais delicada desta estrutura é a Porta do Mar, zona que é fustigada pelas marés vivas e que está sujeita a uma erosão mais intensa.

Uma inspeção visual das argamassas desta zona confirma a boa qualidade do ligante. As paredes são menos espessas que as do castelo, sendo constituídas por duas camisas de pedra parcialmente aparelhada, com enchimento central de pedras

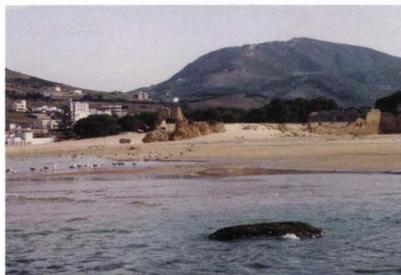


Fig. 6 - Um castelo na praia - em primeiro plano correm as águas da foz do rio, na frente marítima, com a estrutura do castelo à direita da imagem, a Porta do Mar no centro e a elevação do Seínal, dominante na retaguarda

de diversas dimensões, aglutinadas pela adição profusa de argamassa feita com cal gorda, de muito boa qualidade. É surpreendente a capacidade de resistência que estas paredes têm revelado.

Nas zonas em que as juntas sejam mal definidas há que fazer o preenchimento das fendas com a argamassa. Ainda nesta zona da couraça há que estabilizar as argamassas de revestimento que prevalecem no troço superior, identificando os, zonas desagregadas efectuando pequenas injeções de um composto com calda ligante inorgânica, por exemplo, cal e pozolana ou silicato de sódio. Esta é a zona mais emblemática da fortaleza e com maior

valor patrimonial por ser uma estrutura extremamente rara nos nossos dias. Desconhecemos qual o grau de protecção e classificação a que esta raridade está sujeita pelas entidades oficiais. Correndo as faixas marítimas dos continentes podemos verificar que, couraças semelhantes, que permitiam o acesso por mar às fortalezas costeiras, foram destruídas por acção do tempo.

Nas paredes do castelo pode ser reposto o reboco, em algumas zonas, utilizando material compatível. Este deve ficar um pouco recuado, permitindo a leitura da diferença entre o velho e o novo. Isto só deve ser feito nos sítios mais expostos, como forma de proteger as paredes. Toda a intervenção num monumento deste género terá de ser minimalista. Há que garantir os requisitos indispensáveis de compatibilidade, eficácia, durabilidade e reversibilidade.

Nas lacunas dos muros, em especial, quando esse vazio ameaça a estabilidade, usar materiais idênticos. Preencher a zona assinalando sempre a intervenção. No caso de paredes instáveis poderão ser executadas ancoragens em aço inox, amarradas a maciços no terreno. Será de evitar a utilização de agulhas de aço no interior das paredes, devido aos problemas da reversibilidade e ainda por ser um método muito intrusivo. As canhoneiras deverão ser objecto de especial cuidado, porque a sua reabilitação seria uma oportunidade excelente para melhorar a leitura do monumento. Nas zonas de interrupção das paredes, ou quando o seu topo estiver muito danificado, deve ser feito o seu preenchimento com argamassa compatível. Intervir nos troços horizontais ou sub-horizontais, pela criação de pendentes adequadas que evitem a acumulação da água. ■

FRANCISCO DE SOUSA LOBO,
Engenheiro Militar,
Presidente dos Amigos dos Castelos